Celso Pedro
LUFT

A vírgula

Celso Pedro Luft

A vírgula

Considerações sobre o seu ensino e o seu emprego

Organização e supervisão
Lya Luft

2ª edição
3ª impressão

Editora
Sandra Almeida

Editor assistente
Luiz Gonzaga Seixas

Edição de texto
Sônia Scoss Nicolai

Revisão
Cecília Devus
Célia da Silva Carvalho
Eliana Antonioli (coord.)
Luiza Elena Luchini

Capa e editoração eletrônica
Paulo Cesar Pereira dos Santos

Impressão e acabamento
Gama

ISBN 85 08 06138 2

2002

Rua Barão de Iguape, 110
CEP 01507-900
Caixa Postal 2937 – CEP 01065-970
São Paulo – SP
Tel.: 0XX 11 3346-3000
Fax: 0XX 11 3277-4146
Internet: http://www.atica.com.br
e-mail: editora@atica.com.br

Apresentação

Evanildo Bechara

Com este livro, Celso Pedro Luft intervém, mais uma vez, em defesa da língua portuguesa no que toca à pontuação, particularmente ao emprego correto da vírgula.

Insiste o Autor em combater a idéia, muito divulgada, de que pontuação é problema de ouvido, que assinala a pausa e, por isso, dispensa ao escritor os conhecimentos rudimentares de gramática. Bem sabe que ouvido e gramática estão aqui unidos como dois braços de um abraço; mas o excessivo privilegiamento que se concede à pausa sobre as relações sintáticas que os termos da frase mantêm entre si, constantemente leva a pessoa a cometer enganos grosseiros no uso da vírgula, muitas vezes com resultados desastrosos na comunicação adequada da mensagem.

Uma frase não é um amontoado desordenado de palavras, da mesma forma que um automóvel não é um amontoado de peças: tudo aí está interligado por força da funcionalidade de seus elementos constitutivos, que ordena o fundamental e o acessório que a gramática procura descrever, explicitando os prin-

cípios que regem o bom emprego da vírgula e de outros sinais de pontuação.

Deste empenho dá boa conta o presente livro de Celso Pedro Luft, pondo em relevo a utilidade e a inutilidade do uso da vírgula. Exemplos da inutilidade da vírgula vai o Autor colher à redação de artigos e manchetes de jornais, num apelo para que a imprensa, como uma das agências de cultura da comunidade, zele por alcançar a competente correção idiomática.

Fica a boa tradição da língua portuguesa a dever-lhe mais esta lição.

Sumário

Convenções

< provém de

> transforma-se em; dá origem a

* ingramatical ou agramatical

= igual a

+ mais

→ resulta em

/ indica relação; oposição; mudança de verso

[ ] indica estrutura, unidade ou regra; observação, acréscimo ou supressão em texto de citação

Sobre pontuação

A nossa pontuação — a pontuação em língua portuguesa — **obedece a critérios sintáticos, e não prosódicos.**

Sempre é importante lembrar isso a todos aqueles que escrevem, para que se previnam contra bisonhas vírgulas de ouvido.

Ensinam as gramáticas que cada vírgula corresponde a uma pausa mas que nem a toda pausa corresponde uma vírgula.[1]

Essa ligação entre pausa e vírgula deve ser a responsável pela maioria dos erros de pontuação. E penso que está mais do que na hora de desligar as duas coisas. No entanto, mesmo em gramáticas recentes, e de autores bem conceituados, persiste a ilusão.

Aqueles que tendem a fazer da pontuação a contrapartida de pausas, usam aquelas vírgulas gozadíssimas depois de conectivos — **e, que,** por exemplo:

(1) *"Devemos pensar antes de agir e, respeitar os direitos dos outros."*

(2) *"Ele afirmou energicamente que, tudo aquilo era mentira."*

---

[1]Mais acertado é ensinar que **nem a toda pausa corresponde uma vírgula, nem a toda vírgula corresponde uma pausa**...

Ou então vírgula entre verbo e seu complemento oracional:

(3) *"Informamos, que até dezembro..."*

Quantas vezes fazemos pausa entre sujeito e verbo, entre verbo e complemento. E no entanto é elementar que nessas estruturas não cabe vírgula. Por quê? Porque **a nossa virgulação é de base sintática, e não separa** o **que é sintaticamente ligado**. Trata-se, evidentemente, de um critério. Arbitrário, criticável — como tantos outros critérios.

A verdade é que, para virgular bem, precisamos de uma boa intuição estrutural. Porque todas as regras explícitas das nossas gramáticas e manuais de português são deficientes e precárias. Não suficientemente gerais e precisas para abranger todos os casos particulares.

Intuição estrutural — escrevi. Senso das estruturas sintáticas. E não ouvido, a não ser que emprestemos outra significação a essa palavra. Virgular de orelha é virgular como um colegial insipiente.

*

Veja como o critério de virgulação varia de língua para língua. O alemão, por exemplo, põe toda oração subordinada entre vírgulas:

(4) *"Der Mann, der dort geht, ist krank."*

Em português:

(5) *O homem que ali vai está doente.*

Vírgula proibida entre substantivo e oração adjetiva restritiva. Quando muito, vírgula no fim desse tipo de oração, sobretudo se longa:

(6) *O homem que vocês vêem ali caminhando, está doente.*

Vírgula entre verbo e seu complemento oracional, em alemão (em português seria erro crasso):

(7) *"Ich hoffe, dass ich dich bald wiedersehe."/ "Ich hoffe, dich bald wiederzusehen."*

(8) *(Eu) espero que te reveja em breve./(Eu) espero te rever em breve.*

Isso mostra bem o caráter convencional, arbitrário, de certas regras da escrita. E nada de estranho nisso: afinal, todo código é um sistema convencional de sinais.

Vírgula — definição

Sinal de pontuação que indica falta ou quebra de ligação sintática (regente + regido, determinado + determinante) no interior das frases. Assim, usa-se vírgula: **1** Nas aposições, justaposições, assíndetons (coordenação sem coordenador), vocativos: *os alunos, interessados, escutavam*; *cadernos, livros, revistas e jornais*; *Porto Alegre, 29 de dezembro de 1981...*; *vejam, leitores, como é fácil.* — **2** Na marcação de elementos marginais, intercalados, desloca-

dos, etc.: *ele, antes de falar, refletiu um momento*; *antes de falar, ele refletiu...*; *ele refletiu um momento, antes de falar*; *agora, disse ele, é tarde*; etc. — 3 Na marcação de elipse verbal: *o rapaz é bancário; a moça, balconista.* — 4 Para evitar ambigüidades: *veio, até ele/veio até ele*; *falará, brevemente, com o diretor/falará brevemente com o diretor*; *não é, meu amigo?/não é meu amigo?*; *serão, suas idéias, originais?/serão suas idéias originais?*; *o aluno trabalha, segundo o professor/o aluno trabalha segundo o professor*; *não fala, de medo/não fala de medo*; *agora, eu penso diferente/agora eu penso diferente*; etc.

A importância da vírgula

A vírgula pode parecer, à primeira vista, um risquinho supérfluo, inútil. No entanto, em muitos casos, ela exerce importante função distintiva, quando transposição gráfica de pausas e tons da fala. Pausa e tom — elementos importantes para desfazer ambigüidades.

Dois exemplos de jornal vão evidenciar a importância da vírgula:

(1) *"Não é mesmo Santo Ângelo?"* [de um texto de propaganda]

Assim, sem vírgula, isto é, sem mudança de tom entre *mesmo* e *Santo*, a frase valeria para um contexto mental como:

(1a) *"[Esta cidade] não é mesmo Santo Ângelo?"*

Mas o texto era: "Aos 100 anos sempre se tem muito o que dizer... [Naturalmente, entre *muito* e *que*, aquele indefectível **o**, destituído de qualquer função — sintática ou estilística...] Não é mesmo Santo Ângelo?"

Isto é, o autor do texto "queria" dizer: *Não é mesmo,* [vírgula] *Santo Ângelo? Não é verdade,* [vírgula] *Santo Ângelo?*

A clássica, a corriqueira, a rasa vírgula do vocativo. Mas agora aprendem que vírgula é pausa; e como o vocativo normalmente se enuncia sem pausa...

(2) *"Ipiranga não comprou a renda como havia prometido."*

Por esse título, fica o leitor informado de que "o Ipiranga não comprou a renda **da maneira como** havia prometido". Deve ter comprado de outra maneira — pensa o leitor. Mas, no corpo da notícia, escreve-se que: "a idéia da compra da renda que os dirigentes da equipe anunciaram não se concretizou". Errado, portanto, o título (2). Nem a vírgula, só, resolveria, pois

Ipiranga não comprou a renda, como havia prometido

significa outra coisa: (a) **o Ipiranga não comprou a renda** + (b) **o Ipiranga havia prometido isso (não comprar a renda)**.

O escrever, parece, tem seus mistérios. E, entre estes, a vírgula não é o menor. Nunca se estuda demais.

Regras para o emprego da vírgula

Quais são as regras para o emprego da vírgula? Não vou dar todas aqui, mesmo porque a maioria não oferece dificuldade. Lembro as normas básicas.

Podemos dizer que **toda frase pode apresentar quatro casas**:

- casa 1 — sujeito;
- casa 2 — verbo;
- casa 3 — complementos;
- casa 4 — as circunstâncias (tempo, lugar, modo e outras).

A casa 3 é ocupada por elementos necessários ao verbo ou ao sujeito:

- *O estudante* (casa 1) + *comprou* (casa 2) + *livros* (casa 3).
- *O estudante* (casa 1) + *é* (casa 2) + *inteligente* (casa 3).
- *O professor* (casa 1) + *está* (casa 2) + *na cidade* ou *acamado* (casa 3).
- *O rapaz* (casa 1) + *deu* (casa 2) + *o livro* (casa 3a) + *ao colega* (casa 3b).

A casa 4 é de elementos não de primeira necessidade à estrutura frasal.

Pois bem. Daí decorrem as regras básicas de pontuação, regras negativas:

Não se deve usar vírgula entre as casas 1, 2 e 3. Nem entre 1 e 2, nem entre 2 e 3.

A casa 4, sobretudo nas frases longas, pode ser separada por vírgula. As inversões

2 1 3

2 3 1

podem ser marcadas por vírgula, principalmente para evitar confusão.

Agora, observe estes fragmentos:

(1) *"A guerra de hoje, será a vitória de amanhã."*

(2) *"Quem não passa, não paga."*

(3) *"O homem moderno, pensa no seu futuro."*

Aí temos a vírgula errada entre o sujeito (casa 1) e o verbo (casa 2).

(4) *"Também serão atingidos, por este desligamento os transmissores da rádio X."*

Vírgula errada entre o verbo passivo e o agente da passiva. Ou você usa duas vírgulas, ou nenhuma.

(5) *"Faça do papai, o homem mais sabido de todos."*

Ou duas vírgulas, ou nenhuma.

(6) *"Veja aqui, as oficinas que permaneceram abertas."*

Ou duas vírgulas, ou nenhuma.

(7) *"Não somos, apenas, espectadores."*

Erradas as vírgulas: *apenas* é partícula que modifica *espectadores*, não podendo separar-se deste termo por virgula.

(8) *"Mas sem você perceber, o Boeing chega ao seu destino."*

Ou duas vírgulas, ou nenhuma.

Pontuemos corretamente (1) a (8):

(1a) *A guerra de hoje será a vitória de amanhã.*

(2a) *Quem não passa não paga.*

(3a) *O homem moderno pensa no seu futuro.*

(4a) *Também serão atingidos, por este desligamento, os transmissores...*

ou

(4b) *Também serão atingidos por este desligamento os transmissores...*

(5a) *Faça, do papai, o homem...*

ou

(5b) *Faça do papai o homem...*

(6a) *Veja, aqui, as oficinas que...*

ou

(6b) *Veja aqui as oficinas que...*

(7a) *Não somos apenas espectadores.*

(8a) *Mas, sem você perceber, o Boeing...*

ou

(8b) *Mas sem você perceber o Boeing...*

*

Erro parecido encontro freqüentemente até em gente calejada no escrever:

"Também, Esaú trocou o seu direito de primogenitura por um prato de lentilhas." Corrija-se: *Também Esaú trocou...* — sem vírgula.

"Deus, somente, pode valer-nos" por *Deus somente pode valer-nos* (sem vírgulas).

"Estendia, pelo menos, a cem milhas..."

Errado! Deve ser: *Estendia pelo menos a cem milhas* (*pelo menos* modifica diretamente *a cem milhas*).

Deve ser regra mal assimilada: ouviram dizer ou leram, por aí, que os advérbios sempre se separam por vírgulas...

Quando a frase não está em ordem direta ou estiver quebrada, é bom verificar o ponto de quebra e o(s) encaixe(s). Encaixe e elemento deslocado pedem vírgula antes e depois:

4, 1 2 3
1, 4, 2 3
1 2, 4, 3
2, 1, 3a 3b
etc.

A vírgula no vestibular de Português

"Mas, esta, não é suficiente."
"Porque, as respostas, não satisfazem."
"E por isso, surgem as guerras."
"E muitas vezes, ele não se adapta ao meio em que vive."
"Pois, o homem é um ser social."
"Muitos porém, se esquecem que..."

"A sociedade deve pois, lutar pela justiça social."

Que é que você acha de quem virgula assim?

Você vai dizer que não aprendeu nada de pontuação quem semeia assim as vírgulas. Nem poderá dizer outra coisa.

Ou não lhe ensinaram, ou ensinaram e ele não aprendeu. O certo é que ele se formou no curso secundário. Lepidamente, sem maiores dificuldades. Mas a vírgula é um "objeto não identificado", para ele.

Para ele? Para eles. Para muitos eles, uma legião. Amanhã serão doutores, e a vírgula continuará sendo um objeto não identificado. Sim, porque os três ou quatro mil menos fracos ultrapassam o vestíbulo... Com vírgula ou sem vírgula. Que a vírgula, convenhamos, até que é um obstáculo meio frágil, um risquinho. Objeto não identificado? Não, objeto invisível a olho nu. Pode passar despercebido até a muito olho de lince de examinador...

— A vírgula, ora, direis, a vírgula...

Mas é justamente essa miúda coisa, esse risquinho, que maior informação nos dá sobre as qualidades do ensino da língua escrita. Sobre o ensino do cerne mesmo da língua: a frase, sua estrutura, composição e decomposição.

Da virgulação é que se pode depreender a consciência, o grau de consciência que tem, quem

escreve, do pensamento e de sua expressão, do ir-e-vir do raciocínio, das hesitações, das interpenetrações de idéias, das seqüências e interdependências, e, lingüistícamente, da frase e sua constituição.

As vírgulas erradas, ao contrário, retratam a confusão mental, a indisciplina do espírito, o mau domínio das idéias e do fraseado.

Na minha carreira de professor, fiz muitos testes de pontuação. E sempre ficou clara a relação entre a maneira de pontuar e o grau de cociente intelectual.

Conclusão que tirei: os exercícios de pontuação constituem um excelente treino para desenvolver a capacidade de raciocinar e construir frases lógicas e equilibradas.

Quem ensina ou estuda a sintaxe — que é a teoria da frase (ou o "tratado da construção", como diziam os gramáticos antigos) — forçosamente acaba na importância das pausas, cortes, incidências, nexos, etc., elementos que vão se espelhar na pontuação, quando a mensagem é escrita.

Pontuar bem é ter visão clara da estrutura do pensamento e da frase. Pontuar bem é governar as rédeas da frase. Pontuar bem é ter ordem, no pensar e na expressão.

Nossos alunos não sabem pontuar porque não sabem raciocinar e não sabem analisar. E não sabem porque não foi ensinado, treinado.

Exercita-se muito pouco o pensamento lógico, a arte do raciocínio e sua clara expressão falada e escrita. Isso se evidencia nos bancos acadêmicos: é só apelar para a abstração, para o poder de raciocínio, que os alunos estão perdidos, com poucas exceções. Ficam na superfície das idéias, sabem repetir (mais ou menos), decorar; mas a dedução/indução lógica, o pensamento criativo é algo totalmente acima de suas juvenis cerebrações.

Essa deficiência do pensamento lógico e do poder de arrazoar, naturalmente, vai se refletir no fraseado: incoerências, desconexão, falta de equilíbrio, obscuridade, impropriedade de termos e todo o resto.

E a má pontuação é um atestado gráfico da atrofia do pensamento lógico. Atestado também da ignorância do que seja uma frase, sua estrutura e montagem.

Falta de sintaxe, de análise sintática? Claro.

E dizer que, anos a fora, se martirizam os jovens com "análise sintática". No fim, não sabem construir frases, meter-lhes os pontos e as vírgulas nas junturas certas. Que é que aprenderam? "Análise sintática", ora...

Bom, a má pontuação pode indicar que se ensina mal a análise sintática — insistência em classificações e nomes, ao invés de clarificação das estruturas e funções; mas pode indicar também que **não** se faz análise sintática. Sei, anda por aí uma epidemia de "análise de textos". Professores e alunos rivalizam

divagando sobre trechos de livros. Sociologia, psicologia, filosofia, história, literatura... um pouco de tudo. Imagine o leitor a qualidade dessas psicologias, sociologias e filosofias...

Isso é ensino de Português? Claro que não. O **ensino específico da língua** trata do uso das letras, das palavras, das frases, da concordância... e (omitindo outras especificidades) dos sinais de pontuação.

A mania, agora, é o ensino da "comunicação". Ora, professor de Português deve ensinar é as regras da língua portuguesa.

Se você fez belíssimas sessões de análise de texto e de comunicação, mas seus alunos não aprenderam ortografia, concordância, regência e... pontuação, você é um mau professor de Português.

Quem sabe dois dedos de análise sintática conhece a pontuação do aposto como uma das coisas mais elementares.

Aliás, para acertar as vírgulas do aposto explicativo, será mesmo preciso ter noções de análise sintática? Um mínimo de leitura e ouvido não bastam?

"Nós seres humanos, jamais pensamos..."

"O homem, rei da criação deve dominar..."

"Pois ele senhor do universo, ambiciona muito mais."

Depois de todo o 1º e 2º graus é possível virgular assim?

Nem quero falar do uso das vírgulas nas orações adjetivas. Aí fica berrante a deficiência do nosso ensino de análise. Diferença entre restrição e explicação? Mas você está doido varrido se pensar exigir um conhecimento tão esotérico.

Se até gente experimentada, velhos jornalistas e escritores erram nessa vírgula...

"Não se pode aprovar um homem, que não se interesse pelo próximo."

Vá essa vírgula como um exemplo entre centenas. Se você é professor de Português, ensina análise sintática e os seus alunos cometem uma vírgula dessas, você está reprovado! Pode até ser professor de textos, de comunicação, de técnica de composição, sei lá. Bom professor de Português você não é. Ainda não consegue ensinar sintaxe. E não dá para ser professor de Português sem sintaxe. Não dá. Nenhuma língua funciona sem sintaxe.

Querem uma frase gêmea da citada? Aqui vai, é de um bom cronista:

"Não se pode admitir professor de Português, que não conheça os rudimentos da língua de Cícero."

Pois é. Vamos exigir essa pontuação dos candidatos à universidade? Afinal, uma vírgula... uma virgulazinha... o miserável dum risquinho...

Mas nesses risquinhos, repito, é que a gente pode reconhecer as inteligências bem orientadas, jul-

gar a qualidade do ensino de Português. Grande parte do resto, nossos meninos e meninas aprendem — *apesar do* professor de Português.

O dedo do professor de Português se entrevê no específico, no domínio das dificuldades da língua, da estrutura da frase. No saber de análise sintática subjacente.

Outro caso exemplificativo é o das partículas. A virgulação com **pois**, **porém**, **mas**, **aliás**, **logo**, **sim**, **também**, etc. só pode ser acertada com conhecimento, intuitivo ou racionalizado, de análise sintática.

Os que acertam por intuição acertam *apesar de* seus professores de Português. Os outros? São vítimas do ensino deficiente. Virgulam assim: *"o homem deve lutar, pois, só os fortes vencem"*, *"devemos pois, preparar-nos para enfrentar tais obstáculos"*, *"ele porém, não desiste"*, *"a humanidade sempre progrediu, mas, ainda falta o essencial"*, *"precisamos, isto, sim, ir em frente"*, *"o homem moderno aliás, é um angustiado"*, *"porque, também, o sentimento exige"*.

Uma tristeza, não? Pois é a virgulação típica da maioria dos estudantes. Perguntem a qualquer examinador de vestibular.

Vejamos um ponto de virgulação em que mais se erra: os incidentes, as intercalações. Exemplos:

"E apesar de tudo, não devemos desanimar."

"Mas além disso, existem outras causas."

"Ou em todo caso, podemos divergir do autor do texto."

"Pois acima de tudo, o bem comum..."

"Se nesses casos, prevalecer a justiça..."

"Porque então, haverá entendimento..."

A estrutura é:

Conectivo + Incidente + X.

Regra de pontuação:

Conectivo + vírgula + Incidente + vírgula + X.

E, apesar de tudo, não devemos...

Agora vejam a extensão dessa má pontuação. Tiro de jornais: *"E quando não dá certo, a casa cai." "E além disso, as circunstâncias atuais são outras." "Mas mesmo assim, não perdeu o humor." "E ainda por cima, perdeu o jogo." "E depois de muitos abraços, X, embarcou para os Estados Unidos." "E, a esta hora já deve ter quebrado a cara de..."*

Causa do erro? Apelar para a periferia da cabeça em vez do cerne. A orelha em lugar do cérebro.

De fato, na fala o corte é:

Conectivo + Incidente + pausa + X.

Mas não esqueçamos: como sempre, a fala é uma realidade e a escrita outra.

Lembrem-se os professores de insistir nisso.

Sujeito e vírgula

(1) *"O Jardim de Infância Vovô Ruy, tratará o seu filho como..."*

(2) *"Compareceram ainda, pessoas da sociedade."*

Que é isso, amigo redator? Então, você divorcia o sujeito do verbo com uma vírgula?! Não pode.

Vírgulas entre sujeito e verbo, entre verbo e sujeito? Só aos pares, marcando encaixes: explicativos (apostos), vocativos, intercalações.

Quer dizer, **vírgula entre sujeito e verbo — ou duas, ou nenhuma**:

(1a) *O Jardim de Infância Vovô Ruy tratará o seu filho como...*

(2a) *Compareceram, ainda, pessoas da sociedade.*

Ou:

(2b) *Compareceram ainda pessoas da sociedade.*

Sei a origem disso: é escrever de ouvido. Tem pausa na fala, sapeco uma vírgula.

Pois tome nota: as vírgulas não correspondem às pausas da fala. Fala e escrita são dois mundos diferentes. O jeito mesmo é estudar a pontuação.

Uma vírgula seqüestradora do sujeito, no entanto, é tradicional: aquela que encerra uma oração

subordinada inserida no núcleo do sujeito. Exemplo:

(3) *O homem que comprou a casa(,) é um engenheiro.*

(4) *O fato de que ele não compareceu à reunião(,) desorientou os seus colegas.*

O mesmo vale para sujeitos muito extensos em geral. Em todo caso, não é uma vírgula obrigatória, mas apenas um respiradouro, um clareador de estrutura.

*

Tenho combatido o uso da vírgula entre sujeito e verbo, como tantos outros maus empregos desse sinal, insuficientemente ensinado aos nossos alunos. Eis que encontro, num livro bastante bom sobre questões de Português, a defesa do sujeito virgulado, e com o seguinte exemplo:

"— Ficas aqui?

— Fico.

— Pois eu, vou-me..."

Desculpe o autor, mas este **eu** não é propriamente o sujeito do verbo **ir**. Sua função é enfática, e a verdadeira construção da frase é: "Mas eu, eu vou-me..." O segundo **eu**, o que fica "oculto", como se diz comumente, é o sujeito de **vou**. O primeiro **eu** poderia ser substituído por **quanto a mim**.

Quanto à vírgula em geral, mais um breve comentário: nada mais agradável para se ler do que um texto bem pontuado. Nada mais cansativo do que um texto mal pontuado, com abuso, falta ou má colo-

cação de vírgulas, gerando confusão. O desconhecimento dessa verdade acaciana mostra uma lacuna a mais no nosso ensino de Português.

Vírgula e verbo subentendido

Observe a pontuação destas frases:

(1) *O pai se chamava Rodrigo Bastos; a mãe, Ana da Silva.*

(1a) *O pai se chamava Rodrigo Bastos, a mãe Ana da Silva.*

Foram alternativas de questão de vestibular. Lá se mandava "selecionar a opção que corresponde ao período de pontuação correta".

Não faço idéia de como se decidiram os candidatos, pois as duas pontuações são corretas. Mais econômica a forma (1a). O gabarito oficial deu a alternativa da forma (1).

Questão a anular. Ou atribuir ponto também aos que assinalaram a opção (1a).

Bem sei que as nossas gramáticas — e as apostilas por aí, via cópia... — dão essa vírgula como regra: vírgula quando há elipse ["indicar a supressão de uma palavra (geralmente o verbo) ou de um grupo de palavras" — Celso Cunha; "para marcar a supressão do verbo" — Rocha Lima].

Regra artificial, apenas parcialmente confirmada na prática dos bons escritores. Isso é caso de

vírgula facultativa. Só obrigatória em casos de ambigüidade. Apenas se pode dizer que, usando-se tal vírgula, a pontuação anterior deve ser maior — ponto-e-vírgula ou ponto:

(2) *"Eu sou empregado público;/ Tu, minha noiva bem cedo./ Eu sou Artur Azevedo;/ Tu és Carlota Morais."* (Artur Azevedo, apud Rocha Lima.)

Incorreto seria pontuar assim:

(1b) *"O pai se chamava Rodrigo Bastos, a mãe, Ana da Silva."*

Ou:

(1c) *"O pai se chamava Rodrigo Bastos e a mãe, Ana da Silva."*

(3) *"As leis são feitas pelos homens e os costumes, pelas mulheres."*

Olhe aí o disparate: ... *pelos homens e os costumes,...*

Portanto, melhor pontuar:

(3a) *As leis são feitas pelos homens, e os costumes pelas mulheres.*

Ou sem vírgula nenhuma:

(3b) *As leis são feitas pelos homens e os costumes pelas mulheres.*

*

(4) *Sou gremista; eles, colorados.*

Nesta frase, subentende-se a ida do verbo para o plural — *eu sou gremista e eles são colorados*:

(4a) supressão do e: assíndeton → *Eu sou gremista, eles são colorados.*

(4b) supressão do pronome reto: elipse — o natural seria manter esse **eu**, por contrastar com **eles** → *Sou gremista, eles são colorados.*

(4c) supressão do verbo repetido: zeugma → *Sou gremista, eles colorados.*

Se vírgula por causa da omissão do verbo (**são**), então a vírgula anterior deve mudar-se em ponto-e-vírgula:

(4) *Sou gremista; eles, colorados.*

Povo educado povo limpo

Como se explica a estrutura de "Povo educado, povo limpo"? É frase, período ou oração? É necessária a vírgula?

Antes de mais nada, *Povo educado povo limpo* é uma frase. Entidade autônoma de comunicação, com uma linha completa de entoação [2 3 2 1] — tom médio (2), tom alto (3, na sílaba -ca-) e tom baixo (1, em **limpo**) de fim de frase declarativa.

E essa frase é também um período. E período simples, constituído que é de uma oração absoluta. Apesar da falta de verbo. Subentendido este:

(1) *Povo educado povo limpo*

provém de

(2) *Povo educado é povo limpo.*

Interessante acompanhar toda a história da frase (OP = oração principal; OS = oração subordinada):

(3) OP [*um povo* OS1 *é um povo* OS2].

OS1 [*um (esse) povo é educado*].

OS2 [*um (esse) povo é limpo*].

Substituídos os conjuntos substantivos repetidos das orações subordinadas por pronomes relativos (**que**), e encaixados nas devidas posições da oração principal, o resultado será:

(4) OP [*um povo* OS1 [*que é educado*] *é um povo* OS2 [*que é limpo*]].

Em seguida, suprimem-se as seqüências [Pronome Relativo — Verbo de ligação] (**que é**):

(5) ● [*Um povo educado é um povo limpo*].

Eliminados os verbos conectivos das orações subordinadas, resta de oração apenas a principal.

Também os artigos indefinidos (**um**) podem ser suprimidos, para vantagem estilística da frase:

(6) O [*Povo educado é povo limpo*].

Continua a idéia indefinida, embora sem expressão na estrutura manifesta. Pode-se falar num artigo indefinido zero.

Finalmente, a supressão do verbo de ligação:

(7) O [*Povo educado povo limpo*].

E, agora, vírgula? — para marcar a elipse do verbo?

Alguns professores dirão que sim. Vírgula que substitui um verbo elíptico.

Não me parece boa a vírgula neste caso, porque ficaria sinalizando essa estrutura como uma coordenação assindética, o que ela não é:

(8) *Povo educado, povo limpo*

provém de

(9) *Povo educado e povo limpo*

provém de

(10) *Povo que é educado e povo que é limpo.*

Sem vírgula, portanto, evitando-se essa interpretação. Assim:

(1) *Povo educado povo limpo.*

Vírgula e números

O número sem vírgula precedente concorre para determinar ou restringir o substantivo anterior, integra a sua identificação. Assim:

- Sem vírgula entre a sigla CPF (Cadastro de Pessoa Física) e o número que segue, pois se trata de uma especificação ou restrição:
  CPF 000665400-10

- Com vírgula entre o nome da rua e o número da casa:
  Rua Estácio de Sá, 460.
  Se não virgulássemos, o número poderia ser interpretado como restrição, especificação da rua.
  Rua Estácio de Sá 2

implicaria (teoricamente) a existência de outras ruas de nome idêntico: *Rua Estácio de Sá 1*, *Rua Estácio de Sá 3*, etc.
Pormenor: a vírgula não substitui o elemento *número*:
Rua dos Andradas, nº 1212.

- Sem vírgula a seqüência apartamento e respectivo número:
Av. Protásio, 225, ap. 25.
Trata-se, evidentemente, de uma numeração restritiva de moradia: *apartamento 1*, *apartamento 10*, *apartamento 20*, etc.

- Sem vírgula também a especificação de caixa postal, telefone, etc., como quaisquer outros casos de restritivos (decreto, lei, etc.):
telefone ou *tel. 41-1879*
Caixa Postal 8656
Decreto 1.245
Lei 157
Diferença clara entre *Lei 157* e *Rua Estácio de Sá, 460*: restrição/não-restrição. Diferença na escrita: não-vírgula/vírgula.

Quantias e vírgulas

Quando escrevemos valores por extenso, devemos intercalar vírgulas para separar elementos.

Ex.:

dois mil, quinhentos e cinqüenta

Vírgula, sim: é a marca da coordenação sem conjunção ("assindética"):

três trilhões (ou *triliões*), *quatrocentos e quarenta e quatro bilhões, duzentos e vinte e sete milhões, quinhentos e vinte e oito mil, trezentos e sessenta e sete reais*

Observe a grafia de **cinqüenta**: é assim que gente escolarizada escreve. Quem escreve da outra maneira — confundindo com **cinco** —, em cheque, devia ter essa quantia descontada... Por lei.

Vírgulas e adverbiais

Uma estrutura de frase bastante comum é esta:

Coordenador + Adverbial + Oração.

Coordenadores são as palavrinhas **e, ou, mas, nem (= e não)** e semelhantes.

Adverbiais — tanto podem ser advérbios (**agora, aqui, assim**...) como locuções ou orações adverbiais (**neste instante, naquela terra, dessa maneira, de algum modo; quando se deram conta, segundo estamos informados, por mais que se esforcem, embora seja inteligente**...).

Regra de pontuação: ou duas vírgulas para separar o adverbial, ou nenhuma. Assim:

Coordenador [, Adverbial,] Oração.

Se representarmos esses três elementos por algarismos — **1 2 3** —, a regra de pontuação é:

1 2 3.

ou, opcional:

1, 2, 3.

Isto é: duas vírgulas separando o adverbial, ou nenhuma. Uma vírgula só (**1 2, 3**) é que não pode ser.

Alguns exemplos:

E, apesar de tudo, os resultados foram compensadores.

Ou, se houver necessidade, serão feitas algumas alterações.

Mas, segundo se comenta, não haverá festas.

Uma frase como

(1) "*Mas ao que se sabe, ele é formado em Educação Física.*"

é, portanto, mal virgulada. O adverbial *ao que se sabe* aparece aí marcado com uma só vírgula. Corrija-se:

(1a) *Mas, ao que se sabe, ele é formado...*

Repare como é fácil provar que o adverbial é um encaixe, um elemento parentético — ele é deslocável:

(1b) *Mas ele, ao que se sabe, é formado...*

(1c) *Mas ele é, ao que se sabe, formado...*

(1d) *Mas ele é formado, ao que se sabe, em Educação Física.*

Sei: é uma regra bastante desrespeitada. Os escritores vão muito pelo ouvido, e na pronúncia não se marca a fronteira entre a conjunção e o adverbial. Mas é uma prática viciosa que não merece imitação. Repito: ou duas vírgulas, ou nenhuma. Uma só vírgula? Talvez em textos onde o ritmo tenha especial importância; poesia, por exemplo:

"E agora, começa a crescer."

"Mas lúcido e frio,/ apareço e tento/ apanhar [...]" (Drummond)

"E ainda que dor menor, mal sem mudança"

"E sendo amado, amei" (Bandeira).

Nos textos racionais, comuns, de caráter informativo, viva a razão: pontuação racional.

O **talvez** mal pontuado

Há um **talvez** anteposto ao verbo que rege o modo subjuntivo para este: *talvez eu vá*, *talvez eles concordem*, *talvez seja tarde agora.*

Pois cansa-se de encontrar esse **talvez** seguido de vírgula. Ora, é por uma ligação íntima ("regência") que o **talvez** obriga o subjuntivo do verbo; a vírgula conspira contra essa ligação íntima. Só quem não sente o "fluxo" ou as "afinidades eletivas" da frase, pode usar dessas vírgulas separatistas, divorciantes. Mas, que fazer, aprendem por aí que "todo

advérbio deve ser virgulado"... O resultado são belezinhas como estas:

"Talvez, [vírgula, sic!] *tenha poupado o jogador..."*

"Também, [vírgula, sic!] *a Prefeitura quer colaborar..."*

Vírgulas inúteis para **também**

(1) *"As novas regras, também, não atingem a Caderneta de Poupança Programada."*

(2) *"O Governo Federal também autorizou a dobrar a garantia oferecida aos depósitos em Caderneta de Poupança."*

Duas frases de um mesmo texto.

O segundo **também**, livre. O primeiro, entalado entre vírgulas. Ensanduichado. O menos que você vai dizer: faltou coerência.

— Onde acertou o redator? — você pergunta.

No segundo caso. Palavra em posição normal não carece de vírgula. Tanto está em posição normal o primeiro **também** que, nessa seqüência — direta —, **também não** é substituível por **tampouco**. Pois então: se **também não** equivale a **tampouco**, como seria a vírgula no meio desta palavra?

Para mim, entalar vírgulas na seqüência [**também (não)** Verbo] é tão descabido como botar vírgula entre sujeito e verbo, entre verbo e complemento.

(3) *"Participe você, também, da promoção."*

Mais uma vez aquela indefectível vírgula equivocada isolando o **também**. Beleza: uma vírgula para "excluir" da vizinhança uma partícula inclusiva. Uma partícula fortemente presa à palavra ou locução que ela "inclui": *eu também vou*; *aconteceu também aqui*; etc.

Mas por algum motivo as coisas acontecem, não é? Essas bisonhas vírgulas certamente decorrem de outro boato gramatical: advérbio no meio da frase é intercalação, e intercalação pede vírgulas.

Advérbio? Há advérbio, e advérbio. Esse **também** melhor se classifica como "partícula de inclusão". Essas partículas que se posicionam à esquerda das palavras para as quais exprimem inclusão: *também* (ou *até*, *mesmo*) *Maria*; *também ela*; *também este*; *também escreve*; *também hoje*; etc.

Virgular *"As novas regras, também, não atingem"* é como *"isso, também, atinge"*... Tão inaceitável como *"isso, atinge"*. Ou ainda: *"atingem, a Caderneta"*. E, para somar toda essa virgulada esplêndida: *"As novas regras também, não, atingem, a Caderneta"*... Hem? Que estou exagerando? Estou é levando a coerência a rigorosas deduções. Claro! Também o **não** é "advérbio" (na verdade, partícula de negação). Advérbio no meio da frase vai entre vírgulas? Então o **não** etecétera, etecétera. Viva o boato gramatical!

*

"[...] **não se deve pôr entre vírgulas** o advérbio situado entre o verbo e o complemento. Hoje isso é prática comum, mas indefensável, no jornalismo e no estilo oficial. Escreve-se, por exemplo: *'chegou, ontem, de São Paulo'*; *'não recuperou, ainda, os sentidos'*; *'comprou, agora, duas casas'*; *'demitiu-se, também, do Ministério'*. Não há pausa em tais seqüências: portanto, não se justifica a vírgula. Só num caso, excepcional, de ênfase ou de cabível relevo" (Gladstone Chaves de Melo, *Gramática fundamental da língua portuguesa*, 3. ed., Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1978, p. 248).

A vírgula obrigatória antes do e

Exemplos de pontuação errada:

(1) "*Silvano Valentino, vice-presidente e Vicenzo Barello fizeram duas visitas...*"

(2) "Mulher só, *de Harold Robbins e* O mistério do trem azul, *de Agatha Christie.*"

(3) "Ficções, *de Jorge Luís Borges e dois livros de Carlos Eduardo Novaes.*"

(4) "Imperialismo na América do Sul, *de Octavio Ianni e* Psicologia da arte, *de Juan Mosquera.*"

(5) "A canção que vem do rio, *de Lacy Osório e* Sexo, tristeza e flores, *de Emanuel Medeiros Vieira.*"

(6) *"Antônio da Silva, de Cachoeira e Vicente Dutra, de Vacaria."*

Como o leitor pôde observar, em todas essas frases (1) a (6) falta a segunda vírgula do aposto interno: (1) depois de **vice-presidente**; (2) depois de **Robbins**; (3) depois de **Borges**; (4) depois de **Ianni**; (5) depois de **Osório**; e (6) depois **de Cachoeira**.

Todo aposto interno — aquele que não precede ponto (ponto-final, ponto-e-vírgula, ponto-de-exclamação, ponto-de-interrogação) — **deve ser precedido e seguido de vírgula**:

..., Aposto,...

Aposto é um elemento que pode ser precedido de **que** (pronome relativo) e verbo de ligação (**ser, estar, ficar**).

Por exemplo:

(1a) *Silvano Valentino, que é vice-presidente, e Vicenzo Barello...*

(7) *O presidente da República, que é Fernando Henrique, e seu ministério...*

Por que a falta da segunda vírgula?

Essas vírgulas são tão intuitivas e tão familiares, que a gente se pergunta como é que a segunda delas pode faltar. Só vejo uma explicação: uma falsa regra de que o e nunca pode ser precedido de vírgula.

Ingênuo boato gramatical.

Regra correta é esta: **vírgula obrigatória antes do *e* (e qualquer outra conjunção) toda vez**

que esta conjunção for precedida de uma estrutura intercalada.

"Estrutura intercalada" inclui qualquer espécie de encaixe, elemento explicativo ou marginal, etc. — e aposto. Qualquer coisa que interrompa uma seqüência direta.

(8) *Muita calma, antes de mais nada, e perfeito domínio das faculdades.*

(9) *Visite a nossa matriz, em Porto Alegre, ou alguma das nossas filiais no interior.*

(10) *Leiam muito, meus amigos, mas escolham bem suas leituras.*

(11) *Falou muito, nas duas oportunidades, e não convenceu a ninguém.*

Não é preciso muito esforço e atenção para notar que, em todos esses casos, houve interrupção da seqüência direta: (8) *muita calma [...] e perfeito domínio*; (9) *nossa matriz [...] ou alguma das nossas filiais*; (10) *leiam muito [...] mas escolham*; (11) *falou muito [...] e não convenceu*. Pois **as interrupções devem ser marcadas com vírgulas**.

A vírgula depois do e

Vê-se pelos jornais e revistas que continuamos virgulando mal. Nunca é tarde, para quem escreve, fazer um bom estudo da pontuação.

Há vírgulas divertidíssimas. Divertidíssimas? Daquelas que na escola irritam o mais pacato professor. Por exemplo: vírgula entre sujeito e verbo, entre verbo e complemento, entre elemento de ligação e conjunto ligado...

Uma seqüência

[Oração — Conjunção — Oração]

certamente não tolera vírgula depois da conjunção (**e**, **ou**, **mas**, **que**,...). Pois ultimamente se alastram essas divertidas virgulínhas:

(1) *"X apresentou-se ao treinador e, declarou que..."*

(2) *"Foi comemorado o sucesso de vendas, e, premiados os corretores."*

Vírgula facultativa antes da conjunção, vá lá: quando a parte esquerda da coordenação é (muito) longa (1a). Mas nunca depois. A não ser que seja irmã esquerda de outra vírgula a seguir, separando uma intercalação (1b):

(1a) *X apresentou-se ao treinador, e declarou que...*

(1b) *X apresentou-se ao treinador e, um pouco nervoso, declarou que...*

Como separar por uma vírgula aquilo que o **e** deve unir?

Naturalmente sabe-se a origem dessa vírgula: ela imita certas pausas enfáticas da fala.

Ora, **a nossa pontuação é de base sintática, estrutural, e não auditiva**. Não vá pelo ouvido, que ele não entende de vírgula. Lamento muito, mas você tem que aprender um mínimo de análise sintática (nem que seja intuitiva, como a da maioria dos que escrevem bem) para virgular com acerto. A pontuação é um teste de inteligência.

Então, vírgula depois de **e**?

Só se houver uma intercalação entre o **e** e o elemento ligado por ele.

Intercalação quer dizer duas vírgulas. Portanto: depois do **e**, ou duas vírgulas ou nenhuma. Uma só é sempre um lamentável equívoco.

Exemplos:

Sentimento humano e, diríamos, filantrópico.

Sem representação e, muito menos, mordomia.

Lutamos e, unidos, venceremos qualquer obstáculo.

Pedro entrou e, hesitante, falou aos colegas.

Maria e, naturalmente, seu noivo...

Lê e, às vezes, escreve.

E, feitas as devidas ressalvas, foi aprovada a ata.

"E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,/ Inda as procuro pelo céu deserto" (Olavo Bilac).

"E, soltando um suspiro, pulou da cadeira [...]" (Humberto de Campos).

Se houver uma intercalação também antes, teremos o **e** entre vírgulas:

Pedro levantou-se, irritado, e, sem preâmbulos, deu o seu parecer:

"Sobre as asas pairando, as naus entram na lenta/ marcha das aves do mar, que chegam fatigadas,/ e, enquanto aos pés, em flor, uma vaga rebenta,/ outras cantam solaus, rindo, em torno grupadas" (Luís Delfino, "As naus").

É uma pontuação racional. Mas nem sempre os escritores usam essa virgula, sobretudo quando pontuam mais pelo ouvido que pela sintaxe: o **e** se anexa ritmicamente ao elemento intercalado.

"E pela compridão majestosa e verde dos alagados e das pastagens, o colorido movimentoso e variado das reses" (Virgílio Várzea).

"E à idéia hostil do seu destino,/ Corre a jaula [...]" (Luís Carlos).

"o pasto agora era farto, a água porfiava em vencê-lo, e quando mais tarde o dilúvio se interrompia, viam-se na vasta savana verde pontos claros [...]" (Graça Aranha).

"Minha terra não tem palmeiras.../ E em vez de um mero sabiá,/ Cantam aves invisíveis/ Nas palmeiras que não há" (Mário Quintana).

"E sendo apenas um, ir acordando o amor e a angústia" (Vinícius de Morais).

Geralmente se omitem as vírgulas também nas intercalações breves:

"E sobre a lata vinha uma metade de tijolo" (Leo Vaz).

"E ao dizer isso sua voz chegou a ficar doce e lisa" (Érico Veríssimo).

Usar ou não usar a vírgula aí é uma questão de gosto pessoal. Ou de expressividade: calma, placidez vão bem com um mínimo de pontuação, ao passo que o nervosismo, a surpresa, o borboleteio e a hesitação se exprimem adequadamente com a multiplicação de vírgulas: *"E, vai, senão, que, surgiu a nova: um recado"* (Guimarães Rosa).

Todas essas observações valem também para as outras palavrinhas de ligação (conectivos): **mas**, **ou**, **porém**, etc.: *"Contudo, ao sair de lá, tive umas sombras de dúvida"* (Machado). *"Mas, meu Deus, por que essa zanga toda?!"* (Otávio de Faria). *Ou, quando muito, lia jornais e revistas.*

Pontuação com **etc.**

"Na I Jornada Nacional de Literatura, em Passo Fundo (9-12/8/83), um amigo fez-lhe uma pergunta a respeito do uso de pontuação com a abreviatura etc. Felizmente cheguei a tempo e pude ouvir sua explicação. Disse-nos ser obrigatório o uso da vírgula (ou outra pontuação) antes do *etc.* quando esta abreviação abarca mais de um conjunto:

⬇

(1) (......), (......), (......), etc.

(2) (......); (......); (......); etc.

(3) (......). (......). (......). Etc.

Disse que, não havendo pontuação antes do *etc.*, este só vale para o último conjunto.

Caso houver (deve haver) vírgula antes do *etc.* ele valerá para todos os conjuntos anteriores.

Deixo aqui bem claro o meu objetivo com uma frase de Galileu: 'Nós devemos discutir não com a intenção de glorificar nomes ou teorias, mas simplesmente de aprender.'

Até ali tudo bem. A dificuldade começa no momento em que abro a Gramática de Napoleão Mendes de Almeida [*Gramática metódica da língua portuguesa*, 24. ed., São Paulo, Saraiva, 1973, p. 35] e vejo o que ele diz: 'Aproveito a oportunidade para indicar um erro muito freqüente. Assim como antes da conjunção e só em raros casos se emprega vírgula, da mesma maneira só raras vezes se emprega vírgula antes do *etc.*, pois essa locução encerra a conjunção e [...]'.

⬇

E agora, qual o certo:

(a) ... livros, frutas, bruxas, etc.

ou

(b) ... livros, frutas, bruxas etc.?"

Meu amigo, não temos aí problema de certo/errado, e sim questão de uso: tanto se usa como não se usa vírgula. O usual (a gente sabe, de ler) é vírgula antes do **etc.** O resto é questiúncula de gramáticos; gramatiquice.

O citado "raras vezes se emprega vírgula antes do **etc.**" numa gramática normativa naturalmente significa "raras vezes se DEVE empregar". Mais útil e confiável seria a Gramática se fosse simplesmente descritiva ou expositiva (algumas têm esse título, sem sê-lo) e o "raras vezes se emprega" correspondesse a uma constatação de FATO ou USO: o levantamento estatístico mostra presença/ausência de vírgula em proporções de tanto por cento.

Pois então aqui vai: evitando "glorificar nomes ou teorias", seguem frios números de uso, com os quais podemos "simplesmente aprender". Percorri cerca de 100 páginas de um punhado de livros, verificando o uso/não-uso de vírgula antes do **etc.** Eis a lista: Gilberto Freire, *Casa-grande & senzala*; Pedro Nava, *Baú de ossos*; Darcy Ribeiro, *Ensaios insólitos*; Autran Dourado, *O meu mestre imaginário*; Graciliano Ramos, *Cartas*; Marilena

Chaui, *O que é ideologia*; Antonio Candido, *Formação da literatura brasileira*; Paulo Rónai, *Não perca o seu latim*; Raimundo Magalhães Jr., *Dicionário de provérbios e curiosidades*; José Guilherme Merquior, *A natureza do processo*; Mansur Guérios, *Tabus lingüísticos*; Antenor Nascentes, *Dicionário de sinônimos*; Aurélio, *Novo dicionário da língua portuguesa*; Antônio Soares Amora, *História da literatura brasileira*; José Aderaldo Castello, *A literatura brasileira*, I; Massaud Moisés, *A literatura portuguesa*. E as gramá[illegible]ima, Artur de Alm[illegible]da Torres, Bechara, [illegible]a e Gladstone Cha[illegible]de Melo.

RESULTADO: [illegible] etc. *com* vírgula *ver*[illegible]s 14 **etc.** *sem* vírgula.

Di[illegible]dados, sim, po[illegible] INFOR-[illegible]ras vezes ocorre **etc.** sem vírgula".

Mais: de certa forma a pontuação antes de **etc.** é até oficial. No *Pequeno vocabulário ortogr*[illegible] *língua portuguesa* — do Acordo Luso-Bra[illegible]de 1943 — essa pontuação é sistemática. Sem exceção.[1]

E, nos casos em que abrange vários conjuntos separados por ponto-e-vírgula, é este o sinal que precede **etc.**: "*...; farmácia, fósforo; retórica, ruibarbo; teatro, turíbulo; etc.*" (cf. item 15 do Formulário Ortográfico).

---

[1] Também no *Vocabulário ortográfico* de 1981 essa pontuação é sistemática. (N.E.)

Muito correta, lógica, essa pontuação: a vírgula (ou a falta desta) assinalaria o **etc.** como abrangendo apenas o último conjunto.

Pode-se dar até o caso de ponto antes de **etc.**: *"Levantar cedo. Fazer ginástica. Tomar sol. Respirar ar puro. Etc."* (C. P. Luft, *Novo guia ortográfico*, Globo, p. 93).

Com isso não estou dizendo que erra quem não usa vírgula antes de **etc.** Não "erra", não; apenas faz diferente da maioria. E num ponto de somenos importância.

E sim sem vírgulas & velhos com reticências

Veja estas frases:

(1) *"Esse* um *não é numeral e, sim, artigo."*

(2) *"Não o autoritarismo e, sim, o esclarecimento."*

(3) *"Os velhos não querem inovação e, sim, continuidade."*

Essas frases, ou outras semelhantes, com aquelas vírgulas marginalizando o **sim**. Pode?

Partícula entre vírgulas quer dizer elemento intercalado. Mero acessório explicativo ou coisa parecida. Se pode suprimir. Ou deslocar. Assim:

O homem, porém, não respondeu. = [Porém] [o homem não respondeu]. = O homem não respondeu.

O homem é, pois, um ser racional. = O homem é um ser racional.

Pedro, aliás, é engenheiro. = Pedro é engenheiro.

Você corta o entre-vírgulas, e resta uma frase perfeita.

Será o caso de (1) a (3)?

Experimente só. Suprimindo:

(1a) *Esse* um *não é numeral e artigo.*

(2a) *Não o autoritarismo e o esclarecimento.*

(3a) *Os velhos não querem inovação e continuidade.*

Deslocando:

(1b) *Esse* um *não é numeral e artigo sim.*

(2b) *Não o autoritarismo e o esclarecimento sim.*

(3b) *Os velhos não querem inovação e continuidade sim.*

Ficou a mesma mensagem? Não? Então o **sim** não era um acessório intercalado, simples encaixe. Portanto, não tem nada que ser metido entre vírgulas. Se vírgula cabe, é à esquerda do **e**. Aliás, uma vírgula normal, essa que precede as expressões adversativas. Assim:

(1c) *Esse* um *não é numeral, e sim artigo.*

(2c) *Não o autoritarismo, e sim o esclarecimento.*

(3c) *Os velhos não querem inovação, e sim continuidade.*

E **sim**, no caso, é uma unidade inseparável. Locução adversativa. As duas palavrinhas juntas — e somente juntas — significam 'mas':

(1d) *Esse* um *não é numeral, mas artigo.*

(2d) *Não o autoritarismo, mas o esclarecimento.*

(3d) *Os velhos não querem inovação, mas continuidade.*

Além do mais, experimente pronunciar a frase. Cabe pronunciar o **sim** entre pausas? Não? Então, por que virgular?

Um exemplo de palavra intercalada depois do **e**? É o mais comum, e talvez por isso mesmo a tentação das vírgulas no **e sim**:

Ele falou e, logo, viu que era inútil.

Entrou na sala e, nervoso, saudou os colegas.

É um bom músico e, além disso, poeta.

Não que sejam vírgulas necessárias. Mas sempre há gente que se péla por um par de vírgulas...

Agora, substituindo o **e** por **mas**, aí você pode tranqüilamente espetar as suas vírgulas: o **mas**, sozinho, já é suficiente adversativo; vai o **sim** como simples encaixe:

(3e) *Os velhos não querem inovação; mas, sim, continuidade.*

Você pode até reforçar o **sim**:

... mas, isto sim,...

*

Velho não quer inovação? Que pergunta. O novo dá vertigem, tremedeira, sei lá.

Criação? Mudanças? Teorias novas??? E onde a tranqüilidade para transmitir o sólido saber tradicional, as verdades seculares — num ambiente de inquietação espiritual, de teorias desconcertantes?

Os velhos pedem cautela aos jovens. Não espalhem teorias prematuras, não semeiem as vertigens da dúvida, cuidado com a subversão mental.

Os velhos querem dormir, não façam barulho.

Mas... que é que estou dizendo? Eu só estava falando em vírgulas, caramba. Daquelas vírgulas canhestras.

Os velhinhos não querem inovação, e sim continuidade.

Continuidade, mas de quê?

Todavia e vírgula

Todavia (e palavras semelhantes), no interior da frase, aparece pontuado de maneiras diferentes:

(1) *O aluno, todavia, nada respondeu.*

(2) *O professor repetiu a explicação, todavia os alunos continuaram com dúvidas.*

(3) *O professor repetiu a explicação; todavia, os alunos continuaram com dúvidas.*

Em (1), **todavia** no interior de sua oração, temos a pontuação das partículas intercaladas.

Em (2), **todavia** é interior da frase, mas não de sua oração. Usar duas vírgulas em (2) é má pontuação: *"... repetiu a explicação, todavia, os alunos continuaram com dúvidas"*. Má pontuação, porque aí se sinaliza, como intercalado, um elemento inicial de oração.

Querendo sinalizar pausa depois de **todavia**, é preciso aumentar a pausa anterior; daí a solução (3).

Assim, a pontuação da frase

(4) *Podemos trocar de residência, todavia a mudança é quase nada se as feridas nos acompanham.*
também pode ser:

(5) *Podemos trocar de residência; todavia, a mudança é quase nada...*

Um **pois** mal pontuado

Repare nestes dizeres de uma bula:

(1) *"[o remédio] vem ao encontro das finalidades desejadas e constitui medicação de escolha, pois, reúne os efeitos terapêuticos de 4 agentes específicos que..."*

É o que se pode chamar um **pois** maltratado pela pontuação. Tem todos os ares de uma partícula intercalada que não é.

O que há na estrutura da frase é:

(1a) ... *constitui medicação de escolha, pois reúne os efeitos terapêuticos de 4 agentes...*

Vírgula antes, mas não depois.

Não vale consultar o ouvido: ouvido não entende de pontuação. Sobretudo em falante que respira mal e faz pausas a torto e a direito.

Muita pausa se faz por pura ênfase. E a nossa virgulação é de base sintática (estrutura da frase), e não estilística (ênfase, ritmo, etc.).

Há duas espécies de **pois**: um posposto, outro anteposto.

(2) *Ele acertou; está, pois, de parabéns.*

(3) *Ele está de parabéns, pois acertou.*

O **pois** posposto, (2), é conjunção conclusiva (exprime conclusão), equivale a **portanto**. Vai entre vírgulas.

O **pois** anteposto à sua oração, (3), introdutor dela, é conjunção explicativa causal (explica motivo ou causa) e equivale a **porquanto, porque, visto que**. Normalmente tem vírgula antes. Depois, somente se for seguido de um encaixe, e neste caso a vírgula anterior deve ser transformada em ponto-e-vírgula:

(3a) *Ele está de parabéns; pois, apesar de tudo, acertou.*

Aliás, é esta mesma regra de ponto-e-vírgula que funciona em (2): ao passo que as vírgulas marcam um encaixe, o ponto-e-vírgula separa oração.

Compare também estas frases:

(4) *Transmiti o recado ao nosso colega. Deve, pois, estar de sobreaviso.*

(5) *O homem é mortal; deve, pois, estar preparado para morrer.*

Podemos transformar isso (base + conclusão) em base + explicação:

(6) *Nosso colega deve estar de sobreaviso, pois eu lhe transmiti o recado.*

(7) *O homem deve estar preparado para morrer, pois é mortal.*

Observe o uso do ponto-e-vírgula na frase (5). Em (7) também poderia ocorrer essa pontuação, se tivéssemos uma intercalação em seguida ao **pois**:

(7a) *O homem deve estar preparado para morrer; pois, por natureza, é mortal.*

Uma simples vírgula, após *morrer*, daria ao **pois** aparência de intercalado (conclusivo).

Da vírgula nas orações adjetivas

"Somente me parece que, nesse caso da virgulação das orações adjetivas restritivas, o Sr. endurece e galvániza demais as regras. Respiguei ao acaso o Código Civil, que sempre tive por modelo

de bom português, e, em cinco minutos, encontrei dois casos de virgulação idêntica [...]: 'Só os credores, que já o eram ao tempo desses atos, podem pleitear-lhes a anulação.' 'As pessoas, que a lei priva de administrar os próprios bens, têm ação regressiva contra os representantes legais, etc.' Nos dois exemplos, as orações que ficaram entre vírgulas não são explicativas, mas restritivas."

Talvez o amigo tenha razão. É possível que eu esteja mesmo endurecendo demais as regras de pontuação. Mas não sem motivo.

Sabe como é: a gente vê aquele português dos vestibulares, enfrenta aquele caos de indisciplina gramatical... Não há muita vontade de "amolecer" as regras, não. Liberalidade nas regras é para os que vivem dentro da disciplina, os que sabem onde têm o nariz, os capazes de governar seu mundo, discipliná-lo por si, etecétera... Primeiro, saber as regras, para valorizar uma transgressão. Uma coisa é saber a lei, e pôr-se, consciente e motivadamente, acima ou fora dela; outra, andar por fora por ignorância.

O seu caso é o primeiro, claro: sabe o que faz com a língua. Apenas me servi de um exemplo seu porque o achei expressivo.

Quanto ao Código Civil, os dois exemplos que me cita são ruins mesmo: não se justificam aquelas vírgulas em pontuação moderna.

O que temos aí representado em vírgulas é, simplesmente, o seguinte:

(1) *os credores* [= quaisquer] *já eram credores ao tempo desses atos* + *os credores* [= quaisquer] *podem pleitear a anulação desses atos*;

(2) *as pessoas* [= quaisquer, todas] *têm ação regressiva contra os seus representantes legais*, etc. + *a lei priva as pessoas* [= todas e quaisquer!] *de administrar os próprios bens*.

Um absurdo, não? Mas é o que, friamente, informa aquela virgulação. Toda oração explicativa — esclarecimento secundário, acessório, já implícito no nome anterior — pode ser supressa sem prejuízo da frase inteira. Pergunto: dá para suprimir aquelas duas orações adjetivas? Não dá? Então, também não dá para pô-las entre vírgulas. São restrições necessárias ao sentido total.

A regra moderna de virgulação das orações adjetivas é esta: **põe-se entre vírgulas a explicativa** (porque é uma aposição, uma intercalação). **A restritiva não se deve separar do respectivo nome**, pois completa este, restringindo-lhe a significação. Apenas se tolera a vírgula depois das orações restritivas longas, por motivo de clareza ou da "respiração" frasal.

Claro, só se pode falar assim, a frio, em termos de linguagem lógica, objetiva, neutra. A linguagem subjetiva e afetiva dos escritores, isto é, da arte literária, é um universo à parte. Não liberto de leis, mas regido por leis próprias, que cada escritor deve descobrir. É aquela história de "cria o teu ritmo", etc. Meu amigo poeta Quintana gostava de dizer que "o poeta, em seu ofício, é infalível". A rigor, não se pode ensinar nenhum poeta a metrificar o seu poema. Nem a pontuar. (Embora não faltem os ingênuos que tenham a pretensão disso...)

Mas a pontuação comum, racional, essa se pode e se deve ensinar.

Depois dos exemplos do Código Civil, o amigo chama dois escritores em sua defesa.

> **"Machado de Assis também não escapou ao erro [de virgular orações adjetivas restritivas]: 'viu entrar cinco homens armados, que lhe lançaram as mãos e o levaram...' (A chinela turca, in *Contos*, Cultrix, p. 61). Ou ainda: 'Em cima havia uma salinha, mal alumiada por uma janela, que dava para o telhado dos fundos' (A cartomante, in op. cit., p. 145)."**

Ora, a pontuação aqui é perfeita. Essas orações não são restritivas, mas explicativas. Veja:

(3) *viu entrar cinco homens armados* + *que* [= os cinco homens armados] *lhe lançaram as mãos*;

(4) *em cima havia uma salinha,* [que era] *mal alumiada por uma janela* + *que* [= a janela] *dava para o telhado dos fundos.*

As partes fazem ou não fazem sentido, independentemente?

Os *cinco homens armados* e *a janela*, dentro do contexto, são elementos já restritos. O que se lhes segue é elemento explicativo. Prova gramatical: você pode substituir o **que** dessas orações adjetivas por **os quais** [frase (3)] e **a qual** [frase (4)]. Ora, na oração adjetiva restritiva o **que** nunca é substituível por **o qual** (a não ser em má técnica escolar de análise sintática, aliás bastante difundida...).

Quanto ao Rui Barbosa... Não é má vontade minha, mas a crítica literária vem torcendo o nariz para o seu valor artístico, e a lingüística para o seu valor gramatical. Agruras de um mito? Sei lá, mas ir ao "velho Madureira"[1] (ver *Réplica*, volume XXIX, tomo III, p. 200 — conforme cita o amigo) para regrar — "Sempre se põe vírgula antes dos relativos,

---

[1]João de Morais de Madureira Feijó, jesuíta português (1688-1741). Considerado um grande gramático de sua época, escreveu *A arte explicada* e *Ortografia, ou arte de escrever e pronunciar com acerto a língua portuguesa*. (N.E.)

e antes das conjunções, tanto no latim, como no português" — a pontuação moderna... Isso atesta apenas o que todo mundo cansou de saber: que Rui era um fichário vivo dos clássicos. E daí? Nossa língua não defuntou com os clássicos. Não parou ali. Ela tem hoje, para outras necessidades, outras formas, outros ritmos e outros critérios.

Cá entre nós (que os túmulos e as carpideiras não nos ouçam!), os clássicos não sabiam pontuar. E os mais antigos nem sabiam o que fosse pontuação: "Os primeiros sinais de pontuação aparecem nos manuscritos, muito irregularmente, entre os séculos IX e XVI. É a partir desse último século, portanto depois da invenção da imprensa, que o nosso moderno sistema de pontuação começa a fixar-se e a desenvolver-se" (cf. G. Galichet e outros, *Grammaire française expliquée*, Paris, 1960, p. 308).

Claro que a gramática moderna, com uma visão mais técnica da estrutura frasal, está mais capacitada para racionalizar a pontuação. Estabelecer princípios explícitos e precisos em lugar de intuições.

> **"Guio-me pelo ouvido, pela necessidade de clareza, pelas pausas normais da leitura. É possível que pontue muito mal, excedendo-me no virgulismo e em conseqüência, mastigando inutilmente a frase. Prefiro isso a pecar por ambigüidade."**

Pois o ouvido é mau conselheiro. Fala é uma coisa, escrita outra. É comum, na fala, a pausa entre o sujeito e o verbo. E leia a sua última frase: "prefiro isso / a pecar por"... Um pouco atrás: "e em conseqüência, / mastigando..." — sem pausa depois do e. Ouvido entende de pausa, não de vírgula. Não vá na conversa dele. É analfabeto.

"Necessidade de clareza"? Certo. É ela que impõe a distinção virgulada entre explicativo e restritivo. Mas, tanto podemos ser ambíguos omitindo vírgulas como metendo-as fora de propósito.

Quanto ao exceder-se no virgulismo, o próprio amigo tem, justificadamente, um conceito desfavorável: isso dá em "mastigar inutilmente a frase". Agora, em se tratando de estilo — linguagem subjetiva, afetiva —, cada um bota na frase os solavancos que ama e precisa. Questão de ritmo: deslizar de cisne não é pipoquear de metralhadora.

Vírgula e **que**

(1) *"Encaminho a V. S.ª o trabalho anexo, que versa sobre..."*

(2) *"Apresento a V. S.ª o Prof. X, que necessita a obtenção de dados..."*

Nas duas frases acima o **que** é pronome relativo. Fácil de identificar: em ambos os casos é substi-

tuível por o qual: ... *o trabalho anexo, o qual versa...*; ... *o Prof. X, o qual necessita...*

Regra de pontuação antes de pronome relativo: a) vírgula **proibida** se a oração (relativa ou adjetiva) é **restritiva**[1], e b) vírgula **obrigatória** se a oração é **explicativa** ou apositiva.

A oração é **restritiva** quando ela completa a identificação do substantivo antecedente; e é **explicativa** quando se apõe a um substantivo já identificado, determinado ou restrito.

Nas frases (1) e (2), os antecedentes do **que** são restritos, plenamente identificados. Tão identificados, que poderíamos fazê-los seguir de ponto-final:

(1a) *Encaminho a V. S.ª o trabalho anexo. (Ele) versa sobre...*

(2a) *Apresento a V. S.ª o Prof. X. Ele necessita...*

Portanto, vírgula antes do **que** quando ele não introduz uma restrição, e sim mera explicação ou comentário.

(3) *Pedro, que é um homem sensato, falou com muita ponderação.*

(4) *Meu chefe, que é um grande administrador, resolveu logo o problema.*

Você pode suprimir o que vem entre vírgulas, e fica uma frase perfeita. Sinal de que é um mero comentário, um acessório explicativo.

---

[1]No fim da oração restritiva, sobretudo se longa, é facultativa a vírgula.

Agora veja estas frases:

(5) *Todo homem [que despreza os outros] é desprezível.*

(6) *Pessoa [que logra] merece ser lograda.*

Se você eliminar a oração representada entre colchetes, fica um resto inaceitável, ilógico ou ingramatical:

(5a) (!) *Todo homem é desprezível.*

(6a) **Pessoa merece ser lograda.*

Esta é a regra: só use vírgula antes do **que** se, eliminada a oração (= verbo e acessórios) que ele introduz, fica uma frase plenamente satisfatória — com sentido, lógica e o resto.

Agora compare:

(7) *Encaminho a V. S.ª um trabalho que versa sobre indústrias de tecidos.*

Um trabalho que versa... — sem vírgula porque a seqüência iniciada pelo **que** "restringe" a palavra *trabalho*, e por isso é indispensável ao conjunto (sintagma) substantivo centralizado por aquela palavra. **Que** espécie de trabalho? Um trabalho *que versa sobre...*

Compare também (8) e (9):

(8) *Chamei os alunos que estavam na biblioteca.*

(9) *Chamei os alunos, que estavam na biblioteca.*

Sem pausa antes do **que** e sem mudança de tom (8); pausa (= vírgula) e mudança de tom (9). Diferença na pronúncia por causa da diferença no significado: em (8), só parte dos alunos estavam na biblioteca e

esses foram chamados; em (9), todos os alunos estavam na biblioteca e todos foram chamados. Em (8): **Quais** alunos? *Os que estavam na biblioteca.* Em (9): Chamou **quem**? *Os alunos*, chamei-*os*.

Seres únicos — assim, os designados por substantivos ditos "próprios" — só podem ser seguidos de orações explicativas:

(10) *A Bíblia, que é o livro dos livros...*

(11) *Chamei Ana Paula, que estava na varanda.*

(12) *Venceu o Flamengo, que aproveitou as chances...*

E assim a seguinte frase:

(13) *A Lei 4.594, que dispõe sobre...*

Com o número, temos uma lei bem determinada, "restrita"; o que segue não pode restringir mais, só pode ser "explicação" ou "aposição".

(14) *"Anexo ao presente o roteiro de procedimentos e prazos(,) que devem ser obedecidos."*

Sem pausa e sem vírgula = "restrição": **Quais** procedimentos e (**quais**) prazos? *Aqueles que devem ser obedecidos.*

Com pausa e mudança de tom, e por isso vírgula = "explicação" ou "aposição": *o roteiro de procedimentos e prazos,* ***os quais (e estes)*** *devem ser obedecidos.*

Compare:

(15) *Os rapazes, que ontem jogaram, estão cansados.*

(16) *Os rapazes que jogaram ontem estão cansados.*

Diferença: (16) implica um conjunto de rapazes e um subconjunto de (alguns) rapazes que jogaram — a falta de pausa (e de vírgula) exprime uma restrição (*só aqueles que jogaram*); (15) só fala num conjunto de rapazes, informando que todos eles jogaram.

De um jogador, escreve o repórter:

"Foi comer um churrasco com o sogro que estava em Porto Alegre."

Assim: *"com o sogro que estava em Porto Alegre"*. Sem vírgula. Fica então o leitor informado que o jogador esse tem outros sogros, (vírgula) que não estavam em Porto Alegre...

Como vimos, **quando o ser designado pelo substantivo anterior ao *que* é um só, plenamente definido, determinado** — como, por exemplo, um substantivo próprio, um pronome pessoal, ou... o sogro de um jogador —, **o *que* deve ser precedido de vírgula**. A oração introduzida por ele é um aposto explicativo — e o aposto explicativo vai sempre entre vírgulas —, uma adjetiva "explicativa", ou "não-restritiva". Se você não põe vírgula, é que está restringindo, se referindo a um ser entre outros. Como no caso, a um entre vários sogros: "o sogro que estava em Porto Alegre"/os outros sogros...

Vírgula e **o qual**

A forma **o qual** (e flexões), sem preposição, só se emprega nas orações com pausa (vírgula):

(1) *Os rapazes, os quais ontem jogaram, estão cansados.*

Mas não: "*Os rapazes os quais jogaram ontem estão cansados.*"

Vírgula antes de **porque**

E antes de **porque** — cabe vírgula ou não?

Como o leitor sabe, há dois "**porque**"s: causal e explicativo. Pois é justamente esta diferença que deve orientar a pontuação.

O enunciado causal é a razão de ser da respectiva frase, a qual se encaminha para ele como para um clímax. Daí a entoação ascendente e a falta de pausa. Já o enunciado explicativo não é o clímax, a razão de ser de sua frase, e sim mero acréscimo, um comentário geralmente óbvio. Por isso, pausa e mudança de tom. Compare:

(1) *Pedro faltou à reunião porque está doente.*

(2) *Não falte à reunião, porque ela é importante.*

A pausa e a mudança de tom antes do **porque** explicativo são tão marcadas, que até ocorrem ponto-e-vírgula e ponto-final.

(3) *Deve ter chovido; porque o pátio está molhado.*

(4) *Acho que Rui está doente. Porque está magro, pálido, quase não fala...*

A vírgula e o aposto

Repare na diferença de pontuação:

(1) *O escritor brasileiro Machado de Assis nasceu em 1839.*

(2) *O criador de Capitu, Machado de Assis, nasceu em 1839.*

Há muitos escritores brasileiros. Machado é um deles. Mas o criador de Capitu é um só: Machado de Assis.

Em (1), a expressão da esquerda é genérica, incompleta. Só se completa, especifica ou particulariza com a expressão da direita. Esta se chama, por isso, **aposto especificativo.**

Em (2), a expressão da esquerda é completa, específica, suficiente. *Machado de Assis* já está implícito na expressão *o criador de Capitu*. É uma simples "explicação" redundante — um **aposto explicativo**.

O aposto explicativo, você pode tirar: já está enunciado à esquerda. Direita e esquerda indicam o mesmo indivíduo.

Mas você não pode tirar o aposto especificativo. Tirando, você anula ou altera o sentido da frase.

O explicativo, repetição do que está à esquerda, é metido entre vírgulas. Mas não deve ser separado por vírgulas o especificativo: ele forma um todo com o que está à sua esquerda.

Regras práticas

Primeira: só ponha entre vírgulas o aposto (substantivo ou locução substantiva) que você pode suprimir.

Segunda: só ponha entre vírgulas o aposto que você pode fazer preceder de **isto é** ou **o/a qual é** ou **os/as quais são**.

(2a) *O criador de Capitu, (isto é) Machado de Assis,...*

(3) *As três virtudes teologais, (isto é)/(as quais são) a fé, a esperança e a caridade,...*

A pontuação do aposto é elementar, primária. E contudo os erros se repetem amiúde.

Alguns casos:

(4) *"O bispo auxiliar de Porto Alegre, D. Edmundo Kunz e o cônego Arthur Wickert..."*

Faltou a segunda vírgula do aposto. Corrija-se:

(4a) *O bispo auxiliar de Porto Alegre, D. Edmundo Kunz, e o cônego...*

(5) *"Iolanda Alves, de 31 anos e seus irmãos..."*

A ligação do **e** não é entre *31 anos* e *seus irmãos*, e sim entre *Iolanda Alves* e *seus irmãos*. A pontuação correta é:

(5a) *Iolanda Alves, de 31 anos, e seus irmãos...*

Esse tipo de erro — falta de vírgula entre o aposto e a conjunção **e** — deve-se à crença (tolo "boato gramatical") de que nunca se deve usar vírgula antes do **e**. Pois bem: nesses casos, **a vírgula é obrigatória antes do *e*:**

[........], Aposto, e [.........].

Da mesma forma, nestes outros exemplos:

(6) *"J. Lewis, de 50 anos, e Severina L. P., de 55 anos,..."*

(7) *"Em segundo lugar ficou o Diário de São Paulo, com 49 pontos, e em terceiro a Associação de Cronistas Esportivos do Paraná, com 48 pontos."*

(8) "Coração Materno, *em 1950, e* Pinguinho de Gente."

(9) *"M. Beatriz, ainda nervosa, não soube explicar o que houve."*

(10) *"Um homem de 39 anos, natural de Hong Kong, foi condenado à prisão perpétua."*

(11) *"Jair Soares, da Secretaria de Saúde, acha que o Hospital São Pedro não é uma prisão."*

(12) "O guarani, *ópera de Carlos Gomes, grande músico brasileiro, foi baseado no romance homônimo de José de Alencar.*"

Temos aqui dois apostos. O primeiro, aposto a *O guarani*: **ópera de Carlos Gomes**. E o segundo,

aposto a *Carlos Gomes*: **grande músico brasileiro.** Como se vê, este segundo é um aposto de aposto.

Agora observe a pontuação desta frase:

(13) *"O Embaixador do Brasil na França, professor Antônio Delfim Neto anunciará importante operação econômico-financeira..."*

Professor Antônio Delfim Neto aí está representado como sujeito de *anunciará*. Como "representado"? Pela ausência de vírgula entre esse elemento substantivo e o verbo.

E, no entanto, qualquer estudioso da língua sabe que esse elemento é um aposto. Aposto de *o Embaixador do Brasil na França.* Este é que é o sujeito:

(13a) *O Embaixador do Brasil na França/ anunciará* (Sujeito/Verbo).

Quando se escreve isto, o nome do Embaixador já está implícito. Se aparecer, será na condição de mero aposto — pausa e mudança de tom, na escrita vírgulas (antes e depois):

(13b) *O Embaixador do Brasil na França, professor Antônio Delfim Neto, anunciará...*

A vírgula e os nomes próprios

De um jornal:

(1) *"Clarice Lispector que ele analisa em termos gerais."*

(2) *"Josué Guimarães de quem está levando diversos livros."*

Depois de substantivo próprio, as orações adjetivas — iniciadas por **que, o qual, cujo, quem,** pronomes relativos — são normalmente "explicativas". Melhor, "não-restritivas": claro, os substantivos próprios já são "restritos" a uma só pessoa; não há como restringi-los. Compare:

(3) *O homem que ouviu o caso irritou-se.*

(4) *Carlos, que ouviu o caso, irritou-se.*

Em (3), restrição para o substantivo comum *homem*; em (4), não-restrição: *Carlos* já está restringido.

Enfim: **substantivo próprio**, enquanto substantivo "próprio" (= aplicado a ser único, identificado), **não admite restritivo** (oração, locução ou palavra). O que a ele se anexa é "explicativo", "aposto", "não-restritivo". Marca na pronúncia: pausa. Marca na escrita: vírgula.

Vírgulas, portanto, em (1) e (2):

(1a) *Clarice Lispector,* [vírgula] *que ele analisa em termos gerais.*

(2a) *Josué Guimarães,* [vírgula] *de quem está levando diversos livros.*

Quer dizer que todo anexo a substantivo próprio é "não-restritivo", "aposto", e portanto pausado, virgulado?

Resposta negativa. Substantivos próprios também podem, eventualmente, ser restringidos:

(5) *A Clarice Lispector que ele analisa é a das crônicas.*

(6) *Revela um Josué Guimarães (que é) desconhecido dos leitores.*

Trata-se de recurso para ressaltar alguma faceta do indivíduo designado pelo substantivo próprio. O substantivo "próprio" aí se torna "comum": em cada indivíduo — designado por substantivo próprio — se ocultam outros indivíduos, cada ser é múltiplo. João Sebastião Bach, pessoa única, sim; mas que contém o Bach das fugas, o Bach dos concertos, o Bach das cantatas, o Bach dos oratórios, o Bach do órgão ou do cravo (bem temperado), o Bach que todos já ouviram e o Bach que só conhecem os especialistas, etc.

Enfim: o substantivo próprio normalmente tem o traço [+ Restrito], o que justifica os anexos obrigatoriamente virgulados ("explicativos", "apostos" ou como quer que chamem):

(7) *Clarice Lispector, que escreveu romances e crônicas...*

Esse traço se muda em [– Restrito] quando tomamos o substantivo em sentido particularizado, o que vai redundar na anteposição de um articular (artigo, demonstrativo ou semelhante) e posposição, sem pausa/vírgula, de oração, locução ou palavra de função restritiva: a Clarice Lispector das crônicas, essa Clarice Lispector que poucos conhecem...

*

(8) *"O candidato arenista a deputado federal, Sinval Guazzelli, estava tranqüilo..."*

(9) *"Esta é a opinião do candidato à Assembléia Legislativa, João Satte, prestada ontem..."*

(10) *"O ex-presidente do Internacional, Manuel Tavares, comprou cadeira..."*

(11) *"A empresa alemã, Lufthansa, acaba de inaugurar sua nova sede."*

Erradas essas vírgulas isolando os nomes próprios. Estes funcionam como restritivos, e não como explicativos. É só reduzir a estrutura, que se vê isso com clareza: *o candidato a deputado Sinval Guazzelli > o candidato Sinval Guazzelli.*

As vírgulas, próprias de estrutura explicativa, implicam um antecedente específico, que não precisa ser restringido, único portanto. Aplicando isso às frases (8) a (11), temos de concluir que o Sr. Sinval Guazzelli era o único candidato arenista a deputado federal..., o Sr. João Satte candidato único à Assembléia Legislativa..., o Sr. Manuel Tavares único ex-presidente do Internacional... e a Lufthansa única empresa alemã...

Corrijam-se essas frases, sem aquelas vírgulas deturpando a informação:

(8a) *O candidato arenista a deputado federal Sinval Guazzelli estava tranqüilo...*

(9a) *Esta é a opinião do candidato à Assembléia Legislativa João Satte prestada ontem...*

(10a) *O ex-presidente do Internacional Manuel Tavares comprou cadeira...*

(11a) *A empresa alemã Lufthansa acaba de inaugurar sua nova sede.*

Agora vejam:

(12) *O presidente do Brasil, Fulano de Tal, soube conquistar as simpatias do eleitorado.*

Aqui, sim, as vírgulas estão corretas: separam um explicativo. *Presidente do Brasil* é nome específico, restrito: há um só. O que segue só pode ser explicativo, entre vírgulas portanto.

A vírgula do vocativo

Nem sempre é fácil virgular. Há vírgulas que requerem visão clara, ao menos a intuição, da estrutura sintática. Há casos de pontuação subjetiva: mais risquinho, menos risquinho, vai depender do gosto de quem escreve.

Mas há também vírgulas fáceis. Elementares. Aquelas das intercalações, dos apostos, das coordenações sem coordenador... Aquela do vocativo:

Você conhece, Maria?

Vem muita, gente. [Falando de chuva.]

Claro que, sem vírgula, muda o sentido:

Você conhece Maria?

Vem muita gente.

Vocativo é aquele elemento (palavra ou locução) com que nos dirigimos ao ouvinte ou ao leitor — real ou imaginário — chamando-o:

— *Você assistiu ao jogo, **Paulo**?*

— ***Ó rapaz**, como se chama esta rua?*

— *Você sabe, **meu caro leitor**, que preferências pessoais não se discutem.*

Os vocativos se pronunciam com mudança de tom, na fala. Na escrita, devem ser marcados com uma vírgula; duas vírgulas, no meio da frase. São elementos marginais, incidentes.

É uma regra elementar de pontuação. Elementar, mas nem por isso menos importante. A falta da vírgula pode até mesmo criar confusão, ambigüidade.

A frase

"Simples, não é dirigente da Federação?"

foi escrita para significar

Simples; não é, dirigente da Federação?

Vejam a importância da vírgula: uma coisa é 'não é (ele) dirigente da Federação?', e outra, bem outra, 'não é (verdade), [vírgula] dirigente da Federação?'.

O mesmo erro de pontuação ocorreu numa importante revista nacional:

"Não é mesmo Roger Vadim?"

Assim mesmo, sem vírgula. Como se o sentido fosse: *Esse cidadão não é mesmo Roger Vadim?* Ou: *Não é mesmo Roger Vadim que(m) diz isso?*

Ora, nada disso. O que o redator quis escrever foi isto:

Não é mesmo, [vírgula] *Roger Vadim?*

Isto é: *Não é verdade, Roger Vadim? Não é mesmo assim, Roger Vadim?*

Quis escrever. Mas não escreveu, por falta de um risquinho. Pequenina coisa, mas não tão dominada como se poderia esperar.

Vírgula fácil, evidente — essa dos vocativos.

Pois ultimamente a vírgula vai sumindo. Parece moda nos jornais (ou será desinformação mesmo?). Em cartum, então, vírgula de vocativo virou cabelo de careca. Vamos reimplantar, pessoal? Ou será charme?

Veja:

"E as rádios como é que ficam presidentes?"

"Viu como é Fantoni?"

"Olha o problema pessoal."

Como se o assunto fosse "rádios que viram presidentes", "problema pessoal" ou "ver como é o Fantoni"...

Que é isso, pessoal? Nem foca de jornal do interior.

Repare na diferença entre as frases que seguem:

(1) *Não é meu amigo?*

(2) *Não é, meu amigo?*

(3) *Você compreende Pedro.*

(4) *Você compreende, Pedro.*

(5) *Ouçam todos o que vou dizer.*

(6) *Ouçam, todos, o que vou dizer.*

Em cada par de frases as palavras são as mesmas, mas é diferente a mensagem.

Nas frases pares, há mudança de tom — e talvez pausa (depende da pressa com que se fala) — lá onde na escrita se põe uma vírgula.

Omitir o sinal de pontuação (,) é comprometer por inteiro a mensagem: as frases pares passam a confundir-se com as ímpares.

Conclusão forçosa: essas vírgulas dos vocativos são obrigatórias. Maneira prática de reconhecer: o vocativo permite a anteposição de **ó** — *ó meu amigo, ó Pedro, ó (vocês, vós) todos...*

É verdade. Você pode dizer que, em muitos contextos, são impossíveis, pelo menos improváveis, confusões como aquelas de (1) a (6). Exemplos:

Você vai(,) Pedro?

Não é verdade(,) meu amigo.

Precisamos(,) senhores(,) ter paciência.

Esta objeção não procede. Bastam casos como os citados (1) a (6) para evidenciar a **obrigatoriedade da vírgula dos vocativos.**

Sei de onde vem o erro de não pontuar. De uma regra falha da Gramática tradicional: "a vírgula representa (corresponde a, etc.) uma pequena pausa".

Olhe, se você vai com esse critério, metade das vírgulas você erra. Pegue três ou quatro frases. **Há pausas que não são vírgulas, e há vírgulas que não são pausas.**

Mais importante que a pausa é a mudança de tom. **A vírgula corresponde muito mais a mudança de tom do que a pausa.** Eis um ponto em que se deve alterar o ensino tradicional — urgentemente.

Veja algumas frases de jornal onde faltou a vírgula do vocativo: *"Não é Santo Ângelo?" "Passou filho?" "O que houve Bill?" "Atenção senhores!" "Atenção auditório!" "Atenção empresários..." "Atenção Sr. Governador..." "Atenção doadores de sangue." "E atenção torcida colorada." "Você vai bicho?" "Ele já se formou meu filho?" "Parabéns Santa Maria e Caxias." "Cuca menina!" "Façam jogo senhores." "Parabéns é um menino!"* (Imagine: "parabéns" é um menino. Naturalmente, "palmas" é uma menina...) *"Amigo vá chegando..."*

Etecétera, etecétera, etecétera.

Erre-se na pontuação. Mas essa vírgula dos chamados, essa virgulazinha óbvia, elementar, primária...

O que é que se aprende nas aulas de Português?

As vírgulas que separam encaixes

Vamos falar em termos caseiros. A frase é uma enfiada de palavras. O comum é seguir de palavra em palavra sem qualquer interrupção.

Mas nem sempre é assim. Há vezes em que a gente pára no meio da frase, faz um encaixe, e segue adiante.

Quer ver?

(1) *Amanhã vou almoçar no Centro.*

(1a) *Amanhã, quero lhe avisar, vou almoçar no Centro.*

(2) *O pátio ficou alagado devido à chuva.*

(2a) *O pátio, devido à chuva, ficou alagado.*

Esse *devido à chuva* está em seqüência normal em (2), mas em (2a) é um encaixe, interrompeu o fluxo *o pátio ficou alagado.*

Estou lembrando isso por causa das vírgulas. As vírgulas dos encaixes ou intercalações, fáceis de compreender e fáceis de usar. Só exigem um mínimo de atenção.

Pelo que se vê diariamente em letra impressa, deve-se concluir que esse mínimo de atenção falta com demasiada freqüência.

Olhe aqui:

(3) *"Comunicamos a todos os interessados que devido ao grande número de cartas recebidas, a divulgação do resultado será feita no dia 30."*

Devido ao grande número de cartas recebidas é um encaixe: interrompeu a construção direta *comunicamos que a divulgação do resultado.* Portanto:

(3a) *Comunicamos a todos os interessados que, devido ao grande número de cartas recebidas, a divulgação do resultado será feita no dia 30.*

(4) *"Mas apesar de todas as promessas, nada ainda foi feito."*

Apesar de todas as promessas é uma unidade-encaixe, e não se liga diretamente ao *mas*, cuja função é ligar a frase, como um todo, à anterior. Portanto:

(4a) *Mas, apesar de todas as promessas, nada ainda foi feito.*

Observe ainda:

(5) *"Poderá inscrever-se todo funcionário que, na data da respectiva inclusão esteja em plena efetividade e tenha nesta ocasião, idade não superior a 50 anos."*

Duas vírgulas numa frase, se não são de elementos coordenados, são de um encaixe ou intercalação. Agora, peguem o que está entre aquelas duas vírgulas. Faz unidade? Claro que não. Má virgulação, portanto.

Aquele mínimo de atenção de que falei, veria imediatamente a existência de dois encaixes, e portanto a necessidade de mais duas vírgulas. Ou então nenhuma.

Analisemos por partes:

(5) *"... todo funcionário que, na data da respectiva inclusão esteja em plena efetividade..."*

O pronome relativo *que* (= funcionário) é sujeito de *esteja*. A ordem dos elementos da oração é:

[Sujeito — Verbo — Complementos — Circunstâncias].

(5a) [*que — esteja — em plena efetividade — na data...*].

Entre o *que*/Sujeito e *esteja*/Verbo está a Circunstância *na data da respectiva inclusão*. Típico encaixe:

(5b) *que [na data da respectiva inclusão] esteja...*

Regra de vírgula — apague os colchetes e coloque vírgulas no seu lugar:

(5c) *que, na data da respectiva inclusão, esteja...*

Vejamos a segunda parte:

(5) *"... tenha nesta ocasião, idade não superior a 50 anos."*

O verbo **ter** pede complemento (objeto) direto.

Tenha (o funcionário: Sujeito) **o quê?** *Idade não superior a 50 anos.*

Entre o Verbo/*tenha* e seu Objeto/*idade...*, de novo uma Circunstância/*nesta ocasião...* Encaixe típico:

Verbo [Circunstância] Objeto Direto

(5d) *tenha [nesta ocasião] idade...*

Substituindo os colchetes por vírgulas:

(5e) *tenha, nesta ocasião, idade...*

Agora podemos escrever toda a frase, corretamente virgulada:

(5f) *Poderá inscrever-se todo funcionário que, na data da respectiva inclusão, esteja em plena efetividade e tenha, nesta ocasião, idade não superior a 50 anos.*

Outra solução — de economia — é não usar nenhuma vírgula.

O que não se desculpa são aquelas vírgulas "viúvas" de (5). Depõem contra quem escreveu e mandou imprimir: ou desatenção, ou ignorância.

Repare:

(6) *"O Departamento tem, em nossa Instituição, lugar de relevo na área de ensino."*

(6a) *O Departamento tem lugar de relevo na área de ensino.*

(6a) é o mesmo que (6), mas com a supressão de *em nossa Instituição*. Este elemento está interposto entre o verbo *tem* e seu complemento *lugar de relevo*. Essa interposição foi marcada com vírgulas antes e depois. Mas poderia também ficar sem vírgulas. Ou duas vírgulas, ou nenhuma.

Há duas outras colocações possíveis para o elemento *em nossa Instituição*: arremate e abertura da frase. Assim:

(6b) *O Departamento tem lugar de relevo na área de ensino,* [vírgula] *em nossa Instituição.*

(6c) *Em nossa Instituição,* [vírgula] *o Departamento tem lugar de relevo na área de ensino.*

A esse elemento deslocável na frase — anteposição, interposição, posposição — chamei **adjunto adverbial da oração**. Modifica toda a oração, e não somente o verbo (adjunto adverbial do verbo) ou o predicado (adjunto adverbial do predicado). É noção/distinção sintática muito importante para a virgulação correta.

Vírgula antes de parênteses

Vírgula antes de parênteses?! Mas isso conspira não só contra o bom senso senão também contra um elementar senso estético. Pontuação que coincida com a abertura de parênteses coloca-se depois destes:

"Aprovadas as teses (algumas importantes), encerraram-se os trabalhos."

Algumas vírgulas mal colocadas

Sei, você vai dizer que estou implicando com a vírgula.

Mas do jeito como se semeiam por aí, não dá para menos. É o próprio reino do arbitrário. Na base do vento que sopra.

(1) *"Venho pela presente, comunicar a V. Sª., que deverão realizar-se..."*

O verbo auxiliar (*venho*) separado do respectivo principal (*comunicar*) por uma vírgula. Ou duas, ou nenhuma. Uma só, é imperícia de escrita.

(1a) *Venho, pela presente, comunicar...*

Ou:

(1b) *Venho pela presente comunicar...*

Melhor a solução (1a).

Segundo erro: vírgula entre o verbo (*comunicar*) e seu objeto (*que deverão...*). De novo: ou duas vírgulas, ou nenhuma.

(1c) ... *comunicar, a V. Sª., que deverão...*

Ou:

(1d) ... *comunicar a V. Sª que deverão...*

Melhor a solução (1d).

Podemos agora reescrever corretamente (1) com vírgulas:

(1e) *Venho, pela presente, comunicar, a V. Sª., que deverão realizar-se...*

ou sem vírgulas:

(1f) *Venho pela presente comunicar a V. Sª que deverão realizar-se...*

Melhor ainda a solução (1g):

(1g) *Venho, pela presente, comunicar a V. Sª que deverão realizar-se...*

Outros exemplos de vírgulas mal colocadas:

(2) *"Venha festejar conosco, os 104 anos da Sociedade X."*

(3) *"... reúne nas férias de julho, grande número de paulistas."*

(4) *"Citou a propósito, uma frase célebre."*

Corrigindo (2) a (4), temos:

(2a) *Venha festejar conosco os 104 anos...*

(3a) *... reúne, nas férias de julho, grande número de paulistas.*

(4a) *Citou, a propósito, uma frase célebre.*

Ou:

(4b) *Citou a propósito uma frase célebre.* [Frase curta dispensa vírgula.]

*

Repare como a pontuação pode comprometer a mensagem:

(5) *"O torcedor e conselheiro do Internacional, Revoredo Ribeiro, enalteceu a data comemorativa do aniversário gremista..."*

Por esta frase o leitor fica informado de que o Internacional tem **um** conselheiro. Um só. E tem **um** torcedor. Unzinho só...

O que o redator quis escrever (mas não escreveu) foi:

(5a) *O torcedor e conselheiro do Internacional Revoredo Ribeiro enalteceu...*

(6) *"O jogador da seleção brasileira, Brito, não tem figurado com destaque."*

A seleção brasileira tem **um** jogador? Um só?! Correção:

(6a) *O jogador da seleção brasileira Brito não tem...*

(7) *"O ator mexicano de cinema, Arturo de Córdova, morreu ontem depois de intensa enfermidade."*

A frase nos informa que o México ficou sem ator de cinema: morreu o único que esse país tinha — é o que sinalizam as duas vírgulas...

O nome próprio aí é uma restrição, não uma explicação ou um aposto explicativo; nada de vírgula, portanto:

(7a) *O ator mexicano de cinema Arturo de Córdova morreu ontem...*

Vírgula e estilo

Economize vírgulas! O comum entre os que dominam mal a língua escrita é multiplicar as vírgulas.

Observe:

(1) *"As portas cerraram-se, automaticamente, como convinha, e a jornada, perpendicular à realidade, continuou."*

(2) *"O adolescente, de veste militar, entretanto, fechara, com o corpo, a saída."*

Pessoalmente acho que um texto menos entrecortado, sem solavancos virgulados, ficava melhor. Mas... estilos, como gostos e cores, não se discutem.

Pontuação à moderna

Uma das curiosidades que me fornecem os textos de propaganda é a habilidade na colocação de pontos. Falo dos pontos à moderna, sugerindo entoação descendente a enfatizar determinados segmentos de frase.

"Para um verdadeiro homem. Um verdadeiro cigarro. Com um verdadeiro gosto."

"Depois, as sobremesas. Os licores."

"Jovens com vontade de progredir. De subir na vida."

Bom isso. Facilita a leitura, a visão dos blocos do texto e permite o destaque dos elementos que se querem evidenciar. E dá aquele tom de fala.

Observe:

(1) *"Batista está muito bem. E pode até voltar em 15 dias."*

Certamente esta é a forma mais habitual:

(1a) *Batista está muito bem(,) e pode até voltar em 15 dias.*

Vírgula em lugar de ponto e até sem vírgula.

E haveria ainda uma terceira e quarta possibilidade:

(1b) *Batista está muito bem: pode voltar em 15 dias.*

(1c) *Batista está muito bem. Pode voltar em 15 dias.*

Nenhum problema de (in)correção. Meras variantes, à escolha de quem escreve. Questão de

estilo: há quem prefira frases curtas (1, 1c) e quem prefira frases menos picadinhas (1a).

Escrevi "forma mais habitual" para (1a). De fato, havendo coordenação (por meio da partícula **e** — "conjunção"), o mais usual é ligar sem pausa nenhuma: ... *está muito bem e pode voltar*... Mas a pausa aí não é proibida. Pausa menor (vírgula) ou maior (ponto). Isso naturalmente pode servir a intenções de efeito. Pessoalmente, ligo o ponto interno de (1) a uma expressão de surpresa: o atleta foi operado recentemente, e — surpresa — em poucos dias estará de volta. Um ponto antes desta notícia serve a realçar o fato. Assim, (1) e (1a) aparentemente exprimem o mesmo; só aparentemente, pois (1a) é mais racional, meramente informativa (sobretudo se não tiver vírgula), ao passo que (1) pode ser subjetiva, emotiva. Naturalmente para muitos leitores — a maioria? — tanto faz (1) como (1a), (1b) ou (1c). **Distinguir** — não é o forte do vulgo.

Ponto-e-vírgula

De um jornal do interior:

(1) *"A expressão 'voto-camarão' surgiu neste período pré-eleitoral; inspirada no fato de que o conhecido crustáceo, antes de entrar como ingrediente de pratos requintados para tornar-se iguaria;*

deve ter retirada a cabeça. O 'voto-camarão' seria, então, aquele que se tira a cabeça, isto é, os candidatos colocados na parte superior da cédula, concorrente à eleição majoritária. Pois a expressão; já apontada em importantes publicações do País, tem cabimento..."

Correta a interpretação etimológica: o voto-camarão é um voto decapitado. Agora, o que não está à altura da explicação são aqueles estranhos pontos-e-vírgulas, capazes de provocar dispnéia até em leitor silencioso.

Veja:

(1a) *A expressão [...] surgiu neste período pré-eleitoral, inspirada no fato de que o conhecido crustáceo, antes de entrar como ingrediente [...], deve ter retirada a cabeça. [...] Pois a expressão, já apontada [...], tem cabimento...*

Simples intercalações de elementos apositivos são marcadas com vírgula. Caso de *inspirada no fato de que o conhecido crustáceo deve ter retirada a cabeça* e *já apontada em importantes publicações do País*. A primeira dessas intercalações tem outra dentro de si:

(1b) *A expressão [...] (inspirada no fato de que o conhecido crustáceo (antes de entrar como ingrediente de pratos requintados para tornar-se iguaria) deve ter retirada a cabeça)*

Para efeito de pontuação, substituir os parênteses por vírgulas; o último, por ponto-final, pois coincide com fim de frase.

Tão estranha transformação de vírgulas em pontos-e-vírgulas até parece um simbolismo gráfico inconsciente: os pontos em cima das vírgulas repondo a cabeça aos camarões decapitados?...

Uma das evidências que ficam das provas de Português é o mau domínio da pontuação. Ou não se ensina a pontuar, ou muito pouco fica do que se ensina, particularmente quanto ao emprego correto da vírgula.

Há casos difíceis, duvidosos. E há as soluções de estilo: tanto podemos optar por um máximo como por um mínimo de vírgulas. Só não podemos optar por vírgulas erradas.

A vírgula, do mestre Celso Pedro Luft, cuida de todas estas situações, mostrando que no uso correto da virgulação prova-se a capacidade de raciocínio, a visão analítica, o sentimento das estruturas, a logicidade e equilíbrio do pensamento.

ISBN 85-08-06138-2
9 788508 061389